

JOÃO FILGUEIRAS LIMA

Jornal do Arquiteto, ano I - n.º 05 - novembro de 1996

É sempre com muita emoção que me refiro ao grande artista e ao ser humano maravilhoso - meu querido amigo Athos Bulcão.

Há mais de trinta anos que participamos juntos de inúmeros trabalhos e nunca me canso de admirar seu gênio criador, seu impecável domínio das cores e a forma corajosa, inteligente e precisa com que interfere na arquitetura. Athos é sem dúvida o artista plástico do nosso tempo que mais realizou as previsões de Fernand Leger de que os pintores no decorrer deste século iriam incorporar seus trabalhos aos espaços urbanos e aos nossos edifícios. A rigor, ele foi muito mais além, porque não os incorporou como simples adornos ou complementos decorativos mas os tornou fortemente ancorados e integrados à própria arquitetura. Essa integração é de tal ordem que seria impossível imaginar seus trabalhos dissociados dos respectivos edifícios ou vice-versa. Como pensar, por exemplo, o Teatro Nacional sem os relevos admiráveis que revestem as duas empenas do edifício, ou o espaço magnífico do salão do Itamaraty sem suas treliças coloridas?

Foi o próprio Oscar Niemeyer que na década de 50 percebeu o talento do jovem pintor e convocou-o para seus primeiros trabalhos em azulejos, entre eles, os do Hospital Sul América, no Rio de Janeiro, realizado em 1955.

A partir daí são inúmeras as contribuições de Athos aos Projetos de Oscar. Seus primeiros trabalhos em Brasília foram os azulejos da Igreja de Nossa senhora de Fátima e logo em seguida o painel mural do Brasília Palace Hotel. No exterior realizou obras importantes em projetos de Oscar para as oficinas gráficas Mondadori, residência Mondadori, sede do partido comunista francês, Universidade de Argélia, etc.

No seu caso particular, a atuação de Athos tem sido decisiva na maioria de meus trabalhos. Ainda recentemente, no projeto do Hospital Sarah de Belo Horizonte eu havia decidido pintar os brises-soleil que ocupam toda a fachada do prédio mais alto de amarelo, mantendo a torre de circulação vertical em concreto aparente. Athos, durante uma rápida visita que fez à obra, com sua visão de arquiteto, aconselhou-me a pintar os brises de branco, e a torre de amarelo. Dessa forma, o prédio mais alto não se dissociaria do bloco da frente predominante branco e o amarelo da torre (como nos ensinava Leger) cumpriria a função de afastar os dois blocos, como convinha. Imediatamente acatei seu conselho e o resultado foi exatamente o que desejávamos.

Apesar de ser extremamente solicitado para colaborar com arquitetos, Athos sempre dedicou uma parte de seu tempo à pintura de cavalete. Iniciou seus estudos com Cândido Portinari com quem trabalhou durante cerca de 1 ano em 1945. Trabalhou também com Roberto Burle Marx em 1946.

É possível que se encontre em sua pintura alguma influência de Paul Klee, Fernand Leger ou Miró como ele próprio reconhece, mas toda a sua produção é extremamente original e reflete sempre sua condição de auto didata.

Em nosso convívio quase que diário durante um longo período em Brasília pude acompanhar o desenvolvimento de suas obras na fase figurativa durante as décadas de 60 e 70 e a das máscaras nas décadas de 70 e 80, todas sempre carregadas de um forte conteúdo místico. Embora sua produção atual seja eminentemente abstrata ele sempre confessa que sente a necessidade de eventuais incursões à pintura figurativa.

No decorrer dos últimos anos, na década de 90, vem trabalhando intensamente sobretudo para os hospitais e prédios desenvolvidos pelo Centro de Tecnologia da Associação das Pioneiras Sociais, instituição que hoje detém um acervo significativo de suas obras.

Athos Bulcão constitui sem dúvida, um dos referenciais culturais mais importantes de Brasília para onde transferiu no início de sua construção em 1959. Hoje, graças à sua extraordinária capacidade criativa e sua incansável dedicação ao trabalho, a cidade, por toda parte, está impregnada de suas obras, seja no aeroporto, no congresso, nos palácios, na universidade, em escolas, hospitais e residências.

Foi com muito orgulho que participei da justa homenagem que o IAB/DF prestou a Athos Bulcão não só pelo que ele representa para Brasília mas sobretudo pela sua inestimável contribuição à cultura de nosso país.